

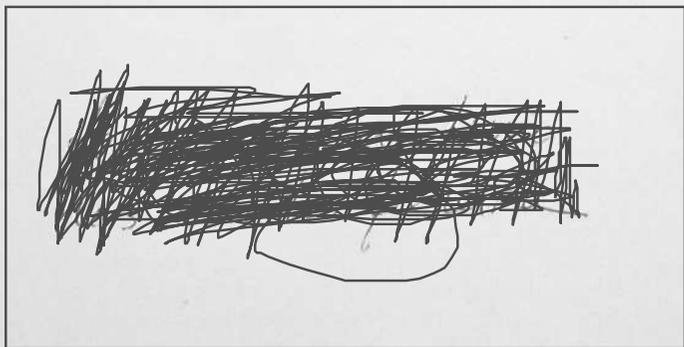
& etc

contramargem / 5



contramargem

- 1 — *Maria! Não me mates, que sou tua mãe!* — Camilo Castelo Branco.
- 2 — *A Torre de Babel ou A Porra do Soriano* seguida de *As Musas* — Guerra Junqueiro.
- 3 — *Quadro Analítico da Corneação* — Charles Fourier.
- 4 — *O Fim do Mundo Filmado pelo Anjo N. S.* — Blaise Cendrars.



11/6/80

HOMEM-PESSOA, pseudónimo que assinou *O Bispo de Beja* — uma «audácia» de Santos Vieira editor quando em circulação clandestina — e anunciou outros opúsculos, nenhum deles (ao que parece) publicado¹. Que o próprio Santos Vieira tenha sido o Homem e a Pessoa (admite-o, por exemplo, Albino Lapa no Dicionário de Pseudónimos²), ficará em decidi-lo uma análise caligráfica da seguinte dedicatória: «*A Biblioteca Nacional de Lisboa como cumprimento da lei, oferece o Autor. 15-12-1910*» (exemplar de cota L 8973 V).

Anticlerical de cabeça perdida, quer dizer: denunciando a vida sexual de um bispo com uma perspectiva exclusivamente qualitativa e, aí, conservadora, se não inquisitorial, Homem-Pessoa aproveitou os ventos e os eventos da República para vingar o circuito clandestino que cinco meses abafara o seu panfleto (de Maio a Outubro de 1910) e afoitar-se pela venda franca, pelo acto de ironia reconhecível atrás daquela oferta à Biblioteca Nacional. Homem-Pessoa acendeu em público os seus «versos fesceninos» nas velas de Sodoma e confirmou, num papelinho tardiamente apenso à obra, que a primeira das suas eptístolas visava Artur Montenegro, ministro da Justiça que a Revolução demitira. De tudo isto sobra uma sátira cuja violência delatória, centrada num ataque pessoal, não lembrava à literatura portuguesa desde o Padre José Agostinho de Macedo.

Quanto ao Bispo, Sebastião de nome, foi o que em Beja deteve o báculo por quase todo o ano de 1910: mais pormenores, talvez nos arquivos³ do Patriarcado.

¹ Em *Materia de Espíritos ... (Comunicações do Rei Carlos de Bragança, Príncipe Real Luís Filipe, Mousinho de Albuquerque e Conde de Burnay)*; *Os Deuses e os Sacerdotes (Sátiras anti-religiosas, em verso)*; *Os Paroxismos (versos)*.

² *Imprensa Nacional* — Casa da Moeda, Lisboa 1980.

³ (*Secretos ...*)

Ao Sr.
Ministro da Justiça
e Negócios e Sodomia
Eclesiásticos

Nesta

Lisboa, 23 de Abril.

Sr. Ministro

A respeito da imunda e tórpida questão do prelado bejense, eis a minha opinião que, por ser racional, é digna de registro:

Alvitro que se faça exame patológico na pessoa do chefe episcopal de Beja, acusado de ser o *passivo* anagógico mais sórdido e mais vil de toda a lusa Igreja. Melhor do que ninguém um médico é que deve constatar se é verdade o que diz o Ançã: desnudará o bispo e analisá-lo-á como a ciência prescreve assim como se faz a qualquer barregã. Se ele o Anus tiver infundibuliforme^(*), se tiver abertura involuntária, enorme, do *orificium ani* e incontidência alvina tal como a que se viu na orgia cesarina aos cinédios de Roma; e se mostrar a ausência de pregas radiais e a degenerescência

(*) Em forma de funil. Neste caso o vulgo di-lo, como classificação, um derivado de panela. (Nota do Autor)

do esfíncter, por atónico e relasso,
é, certo, um pederasta, um nojento devasso
que deve entrar na mesma história depravada
do Lacerda de Melo e o Marquês de Valada;
e, então, deve ir vaguear nas capitais, de noite,
e olvidando a mitra, o báculo, a exegese,
que busque o *boulevard* escuso onde se acoite;
frequente os urinóis e deixe a diocese.
É o caminho. Só um *mas* o contraria:
poder ir surpreendê-lo a policia praguenta
em flagrante delicto homossexual;
e isso, nem o sonhar. Que escândalo seria,
que náuseas, santo Deus!, que conjuntura odienta
o bispo a figurar num processo imoral
punido pelo artigo
390
do Código Penal!?...

Se, pois, lhe não sorrir a vida no mictório,
nos bancos dos jardins, na crápula nocturna,
que vá para a Alemanha, ao purificatório
correctivo da ciência — o encerro em sanatório
onde o tornem normal, numa cura diuturna —.

★

Não quererá, o bispo! Eu sei que ele, no intuito
de vir justificar a sua sodomia
nos dirá que deboche e igreja têm há muito
estreita relação, certa sinonímia.
Por exemplo: o Evangelho
na pomba simboliza
o Espírito Santo, e assim a diviniza
por crê-la o protótipo alado de inocência,
simpleza e castidade e candura e pureza.
Pois bem. O pombo exhibe em vil concupiscência
só crimes sexuais de contra-natureza.
Essa ave que incarna o Espírito Santo
é uma ave aberrativa, sodomita,
que tanto se debocha e se deprava tanto
que, ao vermo-la em deboche, o nojo nos suscita,

Deboche e igreja são sinónimos correctos
pois que, até em Paris,
aos muitos sodomitas infantis
que exercem pela rua as sugestões do nu
e incitam nos portais sensualismos abjectos,
chamam *Petits Jésus!*
Defendendo à *outrance* a sua perversão,
com certa argúcia insonte, o bispo alegará
que profundou a Bíblia e por inspiração
do omnisciente Deus, do recto Jeová
que inspirou a Escritura
e inda não tem carcoma,
o que melhor assimilou dessa leitura
foi Sodoma!;
que as *inversões* não são, como não o talento,
dons do homem vulgar e de intellecto humilde.
São morbos especiais do Génio e do Pensamento
que são dons superiores. Exemplo: esse portento,
o pederasta inglês, o genial Oscar Wilde.

E o celibato eclesiástico? Se quer
a Igreja Romana
ao padre proibir relações com a mulher,
sabendo muito bem, por intuição profana,
que ao instinto sexual não há forças que domem,
é que, implicitamente,
lhas autoriza a ter
com o homem!

É como que uma saia o hábito talar.
Ora a saia é a mulher. Isto não é complexo:
a Igreja procurando o padre efeminar
é que quer inverter-lhe os instintos do sexo!

Por fim, que lhe escreveu o Papa, e o consolou
com blandicias gentis e o teor dum mandamento.
Da *inversão* nem pio. E se Pio não ralhou
é que lhe dá, para ela, o seu consentimento.

Todas estas razões, convicto arengará,
com beatitude, o bom sr. Bispo de Beja
que dizem um mitrado em sodomia. Seja
ou não, sr. Ministro, é bom que ordene já,
desafrontando a Fé e ilibando a Igreja,
que o examine um delegado de saúde,
dos que fazem revista às sujas concubinas
e efebos de internato e esporos de latrinas.
Assim ver-se-á se abocanhou sua virtude
o tredo murmurar das línguas serpentinas;
e, assim, ver-se-á também se o Ançã apregoa
a sua acusação por torva falsidade.

Rogo-lhe aceite o alvitre, a bem da sanidade.

Sem mais, sou de V. etc.,

HOMEM - PESSOA.

Sr.

Homem - Pessoa

Lisboa

Beja, 30 de Abril.

Sr. Homem-Pessoa

Julgando interessar-lhe o informe precioso
incluso nesta, tencionei ir a Lisboa
falar-lhe. Reflecti depois: o dispendioso
da viagem e o sentir a precisão extrema
de indeclinar, por ora, a minha identidade,
forçam-me a vir dizer-lhe a impressiva verdade
nesta carta sincera, anónima, blasfema.

Antes de tal, Sr., sempre lhe digo,
segundo o discorrer dum filósofo antigo,
que nada é tão bom como a forte persistência
para se atingir a luz da verdade — a evidência.
Ora ouça: há já um mês que eu não perco um instante
que não seja em buscar contemplar *em flagrante*
o D. Sebastião. Pois *apanhei-o* hoje.
Vi tudo. Repugnante!

Ainda que me enoje,
vou contar-lhe, em minúcia, aquilo que observei.

Por processo especial
que, mais tarde, a preceito, eu lhe revelarei,
oculto-me tão bem no paço episcopal

Todas estas razões, convicto arengará,
com beatitude, o bom sr. Bispo de Beja
que dizem um mitrado em sodomia. Seja
ou não, sr. Ministro, é bom que ordene já,
desafrontando a Fé e ilibando a Igreja,
que o examine um delegado de saúde,
dos que fazem revista às sujas concubinas
e efebos de internato e esporos de latrinas.
Assim ver-se-á se abocanhou sua virtude
o tredo murmurar das linguas serpentina;
e, assim, ver-se-á também se o Ançã apregoa
a sua acusação por torva falsidade.

Rogo-lhe aceite o alvitre, a bem da sanidade.

Sem mais, sou de V. etc.,

HOMEM - PESSOA.

Sr.

Homem - Pessoa

Lisboa

Beja, 30 de Abril.

Sr. Homem-Pessoa

Julgando interessar-lhe o informe precioso
incluso nesta, tencionei ir a Lisboa
falar-lhe. Reflecti depois: o dispendioso
da viagem e o sentir a precisão extrema
de indeclinar, por ora, a minha identidade,
forçam-me a vir dizer-lhe a impressiva verdade
nesta carta sincera, anónima, blasfema.

Antes de tal, Sr., sempre lhe digo,
segundo o discorrer dum filósofo antigo,
que nada é tão bom como a forte persistência
para se atingir a luz da verdade — a evidência.
Ora ouça: há já um mês que eu não perco um instante
que não seja em buscar contemplar *em flagrante*
o D. Sebastião. Pois *apanhei-o* hoje.
Vi tudo. Repugnante!

Ainda que me enoje,
vou contar-lhe, em minúcia, aquilo que observei.

Por processo especial
que, mais tarde, a preceito, eu lhe revelarei,
oculto-me tão bem no paço episcopal

que nenhum servo dá pela minha presença;
passo por um altar que um turíbulo incensa
e ingresso no salão da biblioteca. Ao alto,
em moldura prosecta e cor de azul-cobalto,
Fr. Amador Arrais; ao lado, dois casmurros
do clero de hoje; a um canto, o poeta dos «Burros»,
o José Agostinho de Macedo;
sobre um prato em marfim um místico brinquedo
dalgum bazar de Roma, um Cristo em miniatura
(dez milímetros de alto e quatro de largura);
numa *étagère* uns cem breviários e missais
e, numa prateleira, um rol de pastorais;
vê-se depois, em barro, uma choldra de papas,
em grupo, obra cristã de um «curioso»; mapas
de peregrinações; cardeais, inquisidores,
taumaturgos, em gesso; um bando de pastores
da diocese de Beja, em desenhos à pena;
distingue-se também, numa estante pequena,
um livro azul «Recordações do Seminário»;
consta que é manuscrito e que é um torpe diário
obsceno, doutro tempo, onde o D. Sebastião
estilizou a febril, suja masturbação
a que se devotou, quando seminarista.
Corrupto e corruptor, foi um doido onanista
de todos e de si. Era vicioso e crente,
praticando o onanismo: as mãos, devotamente
postadas na unção do gesto crucial,
provocando o emitir do licor seminal,
moviam-se mas sem ferirem com o gadanho
na lépida fricção do membro próprio ou estranho.
Nesses instantes cria uma fé crapulenta:
Onan é que era Deus e o homem a água-benta;
e, em vez de ler a Bíblia e escrutar-lhe os versículos,
passava horas vendo o púbis, os testículos;
manuseava-a só para ver na bibliomância
qual era o seu porvir, e era sem repugnância
que constatava, a rir, que, por fatal sintoma,
quase sempre lhe abria as laudas de Sodoma!
.....
Adiante. Centenares de alfarrábios senis
de doutores da Igreja — uns charlatães subtis —
magistrados da Cúria, ascetas, fradalhões,
pregadores sandeus, nuncios e masmarrões,

teósofos de Roma, odiosos jesuitas,
hermeneutas, reitores, abades, cenobitas,
exibem-se na estante enorme de carvalho,
macróbia, com flores de antiquíssimo talho;
imagens cruciais e *bibelots* de Lurdes
num *guéridon*; por sobre a estante, altivo, surge
um retrato infiel, em *chromo*, de Pio X,
tipo de herói pujil, alegre, bem nutrido.
O bispo vem tapar com um grosso tecido
o orifício em que espreito — o meu observatório —.
Não importa. Se ele o é também eu sou finório:
com um lápis desvio, arteiramente, o pano,
daí a pouco, e, céus!, vejo isto: o pax-juliano
suserano do Papa, onaniza o tal moço
cujo *phallus*, erecto, — um priapo colosso —
é quase vertical, tendo a glande beluina
muito brilhante, palpitante, purpurina.
E o bispo é bem, agora, o intenso aberrativo,
osculando o rapaz, num fraseado lascivo
tremolado em falsete em que há tais agudezas
com fífias que semelha oitavas tirolesas;
umas vezes o amima, em humildades sumas,
suave como o affecto e brando como as plumas,
com a voz de quem pede um perdão terno e amigo,
a voz da súplica gemente dum mendigo,
dos arrulhos brisantes de um pombal,
das blandicias do *flirt* sentimental
que as burguesas românticas da Escócia
gorjeiam, na emoção de uma doçura obnoxia;
outras, aos estremeções, profere priapeias,
mordiscando o lapuz, em onomatopeias
de gata prostituta; e, sempre em vaivéns ledos,
fricciona-lhe o membro inquebrável, com os dedos,
ao modo dos da «mão divina» do portal
da Igreja de Ferrara,
até que sai da rubente
cratera do meato a lava seminal
que o tímido vulcão testicular dispara
muito abundantemente.
Então, gemem gritinhos
e suspiros núbis, mutuando carinhos;
e o bispo goza assim a perversão erótica:
com os olhos em alvo, expõe toda a esclerótica

e, a fremir, a uivar, no delírio perverso da crise sensorial em que se mostra imerso, desfalece de gozo, em cima de um divã.

O moço camponês senta-se perto, em chã atitude de lorpa, e olha o degenerado teólogo de Onan, sacerdote inebriado do culto priapal.

Uma dormência inunda o ambiente. É o silêncio, a quietação profunda. Contudo, uma vibrante e muda actividade é na alcova tranquila: a luz — esse motor da volubilidade de cor e de fulgor, de chama e de cintila que flui na limpidez das coisas sumptuosas do belo mobiliário e cetinosas tapeçarias.

Entra um eflúvio de aromas dum próximo jardim, pela janela; vem das árvores floridas, das comas, dum colorido fresco de *aquarella*.

Volvida meia hora, o prelado desperta do seu desmaio igual aos sonos de morfina. O campónio quer ver se se liberta dali. Despede-se. Mas, logo, em fina vozinha de *masqué*, diz o bispo, animoso: «Ai!, meu filhinho, não te vás embora, sim? Tu vais agora dar-me o maior prazer, o maior gozo que conheço no mundo!» E, desatando aos beijos ao rapaz, numa ânsia irrevogável e sob esse obsessivo império de desejos que domina o *passivo* (a balda deplorável que o faz negar o sexo) implorou-lhe, terníssimo, que se despisse todo.

E, a breve trecho, nus, oferecem um contraste: o corpo do lapuz, de vigor muscular, contorno perfeitíssimo, tem o relevo herculizado e augusto, a beleza viril dos moços dos ginásios; tem enérgico o busto e o peito, varonil, rijo como os balásios. No cabelo em anéis há uns tons de topázios e do oiro vetusto; e, em lívida nudez, o corpo prelatício nauseaia. Atrofiado e com essa atitude ridícula que dá o cultivo dum vício, é bem o do *invertido* em toda a plenitude.

Este quadro do «nu», por uma prelazia, numa alcova de bispo — incoerência obscena — é um contraste igual ao dum alegoria de estátuas sensuais que está na sacristia da catedral de Siena.

E o bispo afaga o órgão genital do *activo*, forte como a durindana da guerra medieval, ou a base senil da muralha romana sobre que é construído o palácio bispal dum charro colorido e dum desenho péssimo, e, numa peanha, dorme um sornento relógio sobre que há, num cacifo, um velhusco «Agiológico».

Há ali toda aquela expressão reaccionária que há na botica aldeã, na agência funerária.

Saio da biblioteca, e sigo um corredor. Espreito a uma porta. Admiro. Que esplendor e que sumptuosidade! É a alcova. (O prelado tem requintes dum gosto luxuriado, parisiense. Que bom ninho paradisíaco de amor! É pleno de arte e luxo afrodisiaco.) Vejo e examino, muito bem, pelo orifício não estreito da porta, o conforto subrício

desse aposento: o ouro, o brocado, o cetim dos móveis, num estofo elegante; um coxim numa forma especial, permitindo ao *activo* o agir sem magoar o corpo do *passivo*, sistema dos cinédios berlineses; bambinelas de renda e tules bruxelezes; há no chão peles de urso, alvíssimas, da Rússia, tapetes Gobelin e mantos de pelúcia, um dos quais lembra, até, as púrpuras sidónias; junto dum *aromal* com virentes begónias existe um contador de marfim, com pináculo de prata antiga, aonde estão a mitra e o báculo — as insígnias bispais —, tendo cintilações de pedrarias lindas — a luz de escrínios, sol de tronos, de berlindas, de faustos imperiais —; e, mesmo ao pé dalguns pontifícios retratos, do pastor vêem-se inda as luvas e os sapatos; num *chiffonier*, lavor de ébano e madreperola, ergue-se, pendulando em uma toada quérula, um relógio em que erecto há um núcleo em trofeu das estátuas viris de Nápoles (Museu) que é a reprodução dos Priapos diversos que os *touristes* ali vêem, em langores, submersos; no mesmo *chiffonier* há uma Virgem Santa — virgindade de pau, feita por qualquer *panta* — que tem as expressões simples, rudes, serenas, dos rostos juvenis das aldeãs morenas; ladeiam-na um «Milagre em Lurdes» dum romeiro, um pénis de pau-santo, um escroto de cordeiro, um gato de Sião, uma víbora indiana, embalsamados, uma Santa Sebastiana, um busto de Jesus, o cómico rabino, profeta que era actor, comediante divino que se deixou morrer só para... ressuscitar e para sempre surgir no entremez do Altar! O leito episcopal tem um docel vermelho de veludo. O bacio é um cibório velho que está no chão, à cabeceira, sob a mesa, como um biltre curial usou, por madureza; há, próximo do leito, um toucador de prata em que um grande cinzel fez uma serenata — ronda de querubins, dedilhando uns harpejos,

no céu para Jeová que lhes responde em beijos — o qual tem um oval espelho cristalino sob que estão uns frascos de quinino, calmantes, cordiais para alívios cardíacos, e unguentos, elixíres, vários afrodisíacos entre os quais eu distingo umas «Pílulas Pretas», um livro de empirismo, «As Doenças Secretas», vidros *poudre de riz* e *parfums Houbigant*. Em cima, na parede, um busto de Hildebrant, gravura antiga e má de um bisonho retrato desse papa que impôs ao clero um celibato rigoroso, formal; e, em *aquarella* fina, os *frescos* sensuais da Capela Sixtina, numa reprodução artística e fiel que evoca bem a obra ideal de Rafael.

★

De súbito, uma porta, aproximada ao leito, abre-se e o sr. bispo entra, muito direito, dengoso, feminil, com gestos de donzela. Vem de cruz peitoral, vestindo tunicela e cobre-o um soldéu. Exprime bom humor.

Neste momento a alcova é cheia de esplendor — um plenário de luz de chamas dum crisol —. A pulverização lumínica do sol entra pela janela e veste as filigranas argentinas e de oiro — o estofo de otomanas e outros móveis — cindindo em flechas irisadas o brilho dos cetins e das pratas lavradas; ambiente de *boudoir* de sibarita, próprio para bacanaís, porque suscita, sugere, como o vinho espumante de Marne, em ansias sensuais, a adoração da carne.

Sua Ex.^a exulta. O clarão que doideja no seu fulgido anel de Príncipe da Igreja vai brincar-lhe no rosto onde há risos augustos da felicidade dos eleitos e dos justos.

Descerra-se outra vez a mesma porta, e então
aparece um campónio, um rijo rapagão,
e erecto como os mármores de Armórica;
e indo ao leito buscar uma caixita
de vaselina bórica,
emprega-a como sói o sodomita:
unta o ânus com ela e unta o pénis do moço,
dizendo ao mesmo tempo em melífluas falinhas:
«Sem *sentir-te* não estou por mais tempo. Não posso.
Ai! como sou feliz quando por ti me roço!
Apalpa-me, meu filho, as nádegas fresquinhas!»
E, sentindo, mais fundo, o agulhão da luxúria,
encosta-se, por diante, ao seu *activo*
que, com a mão no púbis e em molúria
de enervado, já logra o frémito lascivo.
O bispo, então, cicia: «Ai! todo, sim?!...» e, pondo
o solidéu, encosta a cabeça à parede;
o hércules acciona e, ao volume redondo,
o esfíncter bispal, de pronto, cede.

É o *coitus per anum!*

Em movimento alterno
movem-se os dois, em pé. Um minuto decorre.
O hediondo bispo está (arremedo moderno!)
na curva posição que tem o Padre Eterno
da Bíblia Popular, segundo Schnorr.
Mas não fruí o que quer. Endireita-se. E, a agir
só o ânus e os pés calosos e grotescos,
todo ele se remexe e remexe a exhibir,
bailarino sessoal, gingos funambulescos,
mussitando, no entanto: «Eu quero gozar mais.
Não me sinto, queridinho, bem assim!»

Uns minutos depois,
recortam-se as carnavais
silhuetas dos dois
por sobre o tal coxim.
É a função recomeça. O bispo oscula
o *activo*, como já fizera antes
dando-lhe alguns *chupões* à moda chula

nas bochechas, no peito e nas orelhas,
e este a arfar de gozo, as narinas vibrantes,
pousa-lhe nos quadris as mãos vermelhas
e, acariciando-lhe a epiderme do ânus,
e a rara grenha anal,
enfia novamente o intenso e colossal
nervo progenitor nos seus feccais arcanos.
Bamboleia o mitrado, o pódice, nas plenas
fúrias do membro, quase rábidas, coléricas,
num doido frenesim de luxúrias histéricas,
e tem, ao dar-se enfim a poluição,
o delírio genésico dos monstros:
finca as unhas, feroz, no rapagão,
estrebucha, aumentando o junço das bodegas
espermático-feccais
e, expectora, depois, uns brados demoniacos,
como as bacantes gregas
nos seus dias orgiacos
ou como na sangueira os canibais.
E ficam, por momentos,
inda em súcubo e incubo, em enfado
de cansaços de *amor*, bichanando uns lamentos
como os que dizem ter, nos seus inebriamentos,
um tal padre Farinha, dum priorado.

O rústico, porém, ergue-se e, já vestido,
despede-se do bispo a quem pede a «contrata».
Percebo tudo, então: é o esforço vendido
do sodomita mercenário ao *invertido*.
Dá-lhe o bispo, a sorrir, seis moedas de prata.
Depois, beijam-se muito e, afáveis, unidinhos,
(não se sabendo bem qual é o filho ou o pai)
chamam-se, com dulçor, muitas vezes: «Filhinhos».
Por fim, o *activo* sai.

★

Só, na alcova, o pastor tem miradas tranquilas,
(o humor que lhe brilhava nas pupilas
foi-se na ignição do vício, que quebranta)
esprala-as no aposento e, ao dar com a Virgem Santa,

desvia logo o olhar. Otão de diocese,
quase odeia a mulher, assim como Luís Treze,
e, pelo contrário, ao ver o grupo, a priapeia
de Nápoles* ainda se bandeia
no leito, acicatada a anomalia estésica,
o rastilho que acende essa inversão genésica
que o avilta.

Curvado, agora, no coxim,
muito absorto, medita. Em quê?!... Talvez no fim
do que pode sonhar: e, por exemplo, nisto:
se tivesse de ser o Vigário de Cristo
dava à cadeira de S. Pedro vária norma.
Como interpretaria doutra forma,
prostituto sagrado, o assento papal?!...
E, sob o seu domínio, em lei pontifical,
as graves mil e cem dioceses católicas
que existem pelo globo, em orgias diabólicas
teriam a missão que lhes cumpre mudada:
tinham de ser bordéis de crápula sagrada.
O papado seria um urinol de Roma
e o hábito talar *travesti* de Sodoma;
os centos de milhões de fiéis do Cristianismo
teriam de entregar-se ao homossexualismo
e ele, a Santidade, exigiria, em modos,
que, em nome do seu deus, o copulassem todos,
que o que manda o seu deus é que jamais afrouxe
na religião do Sexo, o ritual do Deboche
e que se adore a nalga e as erecções viris,
como na liturgia obscena do Paris
laxo da *missa negra*.
E, como, sem o amor de deus, nada se integra
teria fé que, por milagre do Destino,
receberia até o direito divino.
Pensa talvez, também, em que encontrou pequenos
os membros que gozou. Se obtivesse, pelo menos,
um *phallus* de titã, como se julgaria
feliz, nessa maior, gigântea sodomia,
e trocaria, então, sem o fazer por piáculo,
o altar por um alcoice e esse pénis pelo báculo.

* Reprodução, em bronze, dos Priapos do Museu de Nápoles, que é a base do relógio atrás descrito. (Nota do Autor)

Em que mais pensará esse pútrido escarro
do grémio da Igreja, o cinédio masmarro?
Eu sei?! Talvez que sinta as alucinações
torturantes da ansia, em ébrias turbações,
como, é sabido, tem todo o degenerado.

★

Senhor Homem-Pessoa: Eis o bispo gafado,
tal como o surpreendi. Prestimano de Onan,
Sardanápalo, creu ir transmutar o Ançã
em seu Jérocles. Julgo isto como verdade.
Que iria empunhar com a mesma afecta cristandade
o báculo de Beja e os *phallus* dos presbíteros.
O coleóptero tem os incubos élitros:
ele queria também, na crápula de Beja,
unir a si — partes do todo, a Igreja —
padres para o cobrir, élitros dele, a asa.

Sujo quais dejeções que uma cidade vaza
para o cano colector, nos tempos escolares,
ao principiar vestindo os hábitos talaes,
começou logo a ter maus hábitos (que maus
são também, doutra forma, os ditos balandraus).
Mais tarde, repugnante, em perversões obscenas,
tanto como o livor corrupto das gangrenas,
doente de *inversão*, tomava, ao crer-se mal,
por seringas de carne, um clister seminal
e principiou dizendo, em uma unção velhaca,
usando em seu ritual, por líquidos da Fé,
água-benta do templo e água de *bidet*;
só fazia a aspensão nestes modos profanos:
um pénis era o hissope e a caldeira o seu ânus;
e, quanto mais esperma em lestras hissopadas
sentia, ideava mais sodomias sagradas,
assimilando em seu espírito cristão,
no mesmo grau, o amor, pudor, virtude e unção
das vidas pervigis de um «Sanctorum» fradesco
e os vícios de Vitélio — o monstro cesaresco —.

★

E vi que é hoje o mesmo. Heliogábalo místico,
faz do membro e do esperma objectivo eucarístico.

Maricón de bispado, Amelot* português,
usa com as mãos, vestido, e o ânus, em nudez,
culto externo à Onan, e à Nero, culto interno,
servo homossexual de Priapo e do Eterno.

Alcibiades sacro, é, pois, mais ascoroso
do que o pus e que o visgo e o relevo esponjoso
dos cancros. Sintetiza a podridão suprema —
as sujidades vis, tóxicas da postema,
escorrências fecais de esterquilínios,
pestilentos humores, coágulos sanguíneos
dos panos menstruais das porcas prostitutas,
verdes putrefacções das vaginas corruptas,
das bocas latrinais das *fellator* caducas,
sânies dos hospitais e dos lixos das baiucas.
É, pois, um tremedal dentro de um sacerdote;
em rigor, ele não é bispo. É um... bispote.

E eu, que assim *bispei* esse bispote, devo,
agora que lho mostro, em todo o seu relevo,
pedir, Sr. Pessoa, a você, a fineza
de, a quem quiser, mostrar a verdade, a rudeza,
o realismo cru desta carta moral,
apresentando o bispo: *Ecce homo... sexual...!*

Mais tarde saberá quem sou. Pode você
contar com um amigo afecto em

L. V.

F I M

* Certo bispo de Vannes, sodomita. (Nota do Autor)

A todos vós, Acácios das camadas burguesas e heráldicas e críticos pudibundões da literatura e do jornalismo, julgo mister dizer algumas palavras acerca desta sátira licenciosa.

Vós tendes uma estulta noção de «moralidade». Para vós, a verdade, quando é obscena, é a mentira mais degradante e afrontosa. Através dos dogmas burgueses da invulnerabilidade dos preconceitos, justiciais com a vossa indignação asinesca todo o descritivo realista da abjecção e da torpeza humanas.

Ora vós deveis de lembrar-vos que, em todos os tempos, o escritor sentiu a necessidade de mostrar a nu a lição da verdade, quer ela tivesse de ser a evidenciação da crápula do corpo ou a análise da crápula do espírito, usando o processo de a dizer na linguagem considerada licenciosa pelo vosso critério imbecilmente moralista, e que era a única que a podia exprimir integralmente com clareza e com vigor.

Deveis também ter lido que vários prosadores e poetas da antiguidade clássica, do período medievo e do nosso tempo, têm *licenças* bizarras, pela expressão magnífica de verdade e pelo moralíssimo intuito correctivo que constituem, e já haveis de ter ouvido afirmar que o naturalismo, muitas vezes obsceno e sempre útil, necessário e profiláctico de muitos livros franceses de hoje, é uma das qualidades da literatura do grande império intelectual que é a França porque, fundindo em moldes directos da vida os tipos e os quadros da nossa época e do seu ambiente social, impõe-se com um poder lógico de sinceridade e de coragem na factura de arte, contra os prejuízos literários do cinismo de etiqueta de muitas facções, e até muitas vezes, como boa terapêutica, pela sua eficácia escarmentadora.

Justificando a expressão realista deste panfleto, dir-vos-ei no último que foi com este intento que escrevi a presente diatriba fescenina, e é bom que não olvideis que é quase certo terem sido os versos da Fescénia, a origem estimável da sátira — essa bela forma de castigo da justiça, pelo verbo.

Este folheto, quinto da colecção *contramargem*, é uma edição
& etc produzida por Publicações Culturais Engrenagem, Lda.
— R. da Emenda, 30, subterrâneo três, 1200 Lisboa, tele-
fone 37 19 55. Foi composto e impresso na Tipografia Ideal —
Calçada de S. Francisco, 13, 1200 Lisboa — durante o mês de
Abril de 1980. Tiraram-se 1500 exemplares, ao preço público
de 50\$00.